

# A morte e a morte do marido: precisamos voltar a falar do lugar simbólico da literatura

Flávia Alves Figueirêdo Souza

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) | Juiz de Fora | MG | BR  
flavia\_figs@yahoo.com.br  
<https://orcid.org/0000-0002-7704-076X>

*Como matar seu marido*, livro de poemas de Laura Cohen Rabelo, é deliberadamente desconfortável, pois trata-se de uma provocação que é construída sob a égide do desaforo, isto é, de uma linguagem descomprometida com a polidez ou com a reverência, com alcance semântico desagradável e hiperbólico, e ainda assim, hipnótico. É necessário, portanto, que suspendamos por um instante a literatura de seu poder de materialidade, ou seja, de sua já sabida potência em se indissociar da construção estética e política, denunciando e se reinventando, uma vez que não se trata de um assassinato consolidado de corpo e carne presente do marido, mas de mortes conotativas que evocam a profundidade e a potência do texto literário.

É claro que *Como matar seu marido* subverte, aliás, tumultua a linguagem e qualquer poder patriarcal que algum dia existiu em qualquer eu lírico, todavia, é tão mais esteticamente magnético como os versos conseguem nos despertar a volição para também matarmos este marido que falar do poder simbólico da literatura é tarefa irresistível. Poder *matar alguém* sem que este seja um lugar de performance, sem que para isso se percorra a anatomia deste assassinato, é essencial para a manutenção da ordem das civilidades, das sociedades, das literaturas. Poder dizer sem ser é aqui essencial.

Solidarizamo-nos com a algoz ao final dessa leitura. É fato. Acreditamos na coletividade atribuída aos coros que caminham pelo itinerário de um casamento fracassado, *as ressentidas* e os *cidadãos*. Não há necessariamente eus líricos, há vozes, coros que, embora estejam dispostos opostamente, se convertem ao mesmo discurso de morte ao tal marido. O sujeito vai sendo montado num devir-insuportável tão bem-ajambrado, articulado, que o desconectamos da voz da ressentida e ele passa a se comprometer por si só como cidadão, *brother, man*, ele mesmo é bastante para seu rebaixamento moral, está fadado.

O livro se inaugura com um poema-prólogo que anuncia a morte do marido, a tragédia se converte em comunicado protocolar, burocrático, e se divide em duas partes centrais: “Um quilo de sal”, e “Como matar seu marido”. A primeira parte do livro “Um quilo de sal” destila um casamento inarredavelmente desgraçado que nos é apresentado pelo coro das ressentidas, estas que abarcam uma voz descarada e declaradamente feminina, das filhas desleixadas, da nora que toma sopa com a mãe feia do marido, da mãe que cutuca o marido quando a criança chora, da esposa fisiologicamente alérgica ao matrimônio, da mulher fértil parturiente que sofreu episiorrafia para agradar a quem? O marido, o morto de morte matada. Ali estão versos



que hiperbolizam as tiranias e as expectativas do marido com relação à mulher, deflagrando o machismo a partir de um olhar que ridiculariza as supostas normas a serem seguidas pelas esposas perfeitas.

O cônjuge são os cidadãos reduzidos a disfuncionais e calvos no segundo tempo do livro, mas que já vinha sendo patético, impotente, infantil, machista, irresponsável, assediador, asqueroso, ao longo dos versos na primeira parte do livro, ainda que supostamente os assinasse: “o coro dos cidadãos”. Seus versos são sempre imbuídos de opiniões e julgamentos que ratificam o discurso machista, colocando-o em coro, coletivo. E se colocarmos exato reparo, nunca nos foi dada alternativa alguma: “para o bonde das divorciadas / e para aquelas que infelizmente não conseguiram sair” (p. 10). Estava lá o tempo todo, nós é que preferimos nos ater aos prólogos mais metalinguísticos e ficcionais. Agora que sabemos, continuamos partidárias ao óbito conjugal.

Caso é que a pseudoconstrução de vozes, coros da tradição clássica, para escamotear a unicidade eu lírica, não dá nenhum azo para quaisquer oitivas, qualquer alteridade – não há tempo, não há oportunidade, não há misericórdia, os coros não deixarão, serão fatais e não será por acaso que suas interlocuções estarão disseminadas por aí – e aqui é preciso que interrompamos a suspensão do caráter pragmático da literatura e reflitamos sobre o quão representativo é o discurso do engodo matrimonial para as mulheres como manutenção de patriarcado, majoritariamente. A receita de *Como matar seu marido* tem alcance planejado, eles tornam-se todos. Mas, voltemos, o livro já está pronto, o quilo de sal já foi degustado.

Há pouco tempo descobri que o ditado sobre o consumo do quilo de sal com outra pessoa é comumente mal-interpretado como provação, e não é nada disso.

A segunda parte do livro leva seu nome; “Como matar seu marido”, nela, o diagrama de um casamento sórdido começa a se encaminhar para sua dissipação. As mortes do marido são várias: cianeto, facada, pisadura, chinelada, martelada, expulsão, dedetização, ressentimento etc. Um padrão de movimento, ventania e gritaria sendo investido contra um *cara* que alterna da morosidade à inércia, parado em frente à TV, alegando previsivelmente o excesso, a precipitação da ressentida.

Em “Como matar seu marido” – a segunda parte, não o todo – a intenção é direta: o manual da morte do marido é consolidado em simbólico, desconstruindo a ideia de performance ou literalidade, ainda que nos despertando um pouco de ânsia de que tudo seja tetricamente uma autoficção: O eu lírico feminino não mata em carne, mas explicita a misoginia, a falência do casamento tradicional, a romantização do sacrifício da mulher, ao mesmo tempo em que menospreza os discursos que culpabilizam as mulheres e isentam os homens. Reforça-se, assim, as estratégias de texto voltadas para o escárnio e para a hipérbole, em favor da denúncia das estruturas de violência de gênero e da zombaria direcionada aos comportamentos masculinos. Durante todo o livro, na verdade, são infladas à mulher sua paciência e a expectativa de uma devolutiva social, em forma de deboche, estrutura que não minimiza ou suplanta a agressividade dessa trajetória, mas a expõe com sucesso e desconforto necessários. Depois que morre, o marido sempre é inserido de alguma forma nos versos da ressentida, ou pela menção alheia ou pelo reencontro ou pela lembrança dela própria ou em um novo ponto de vista a partir do que ela passou a perceber, e isso requer-lhe novo empenho de assassinato.

Comer um quilo de sal com uma pessoa, na verdade, é sobre tornar-se. O sal demora a ser consumido, pois é um condimento lançado aos poucos e com muito cuidado para que o sabor da comida não se passe, quando seu um quilo acaba, as pessoas não são mais as mesmas, o tempo do sal requer um novo pacto, requer que reflitamos se os maridos permanecerão maridos. Assim, a ressentida fora comovida pelo desejo de retirar de seu horizonte, e de seu alcance, o marido, expulsando-o de seu casamento, matando-o pelo divórcio, mas o que ela ainda não sabia era que matar o outro é também matar-se a si mesma ratificando, diuturnamente, determinadas mortes, literárias ou não, pois o tempo do sal também passou para ela.

um marido não é um amor  
para se viver o marido  
primeiro é preciso matar o marido  
(p. 103)

## Referências

RABELO, Laura Cohen. *Como matar seu marido*. São Paulo: CEPE, 2025.